


**A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO RECURSO DE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NA  
EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA**

**ARTIFICIAL INTELLIGENCE AS A PEDAGOGICAL INNOVATION RESOURCE IN  
CONTEMPORARY EDUCATION**

**UNA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO RECURSO DE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA  
NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA**

 <https://doi.org/10.56238/arev8n1-040>

**Data de submissão:** 07/12/2025

**Data de publicação:** 07/01/2026

**Airam Batista Simões**

Doutorando em Ciencias de la Educación

Instituição: Universidad de la Integración de las Américas (UNIDA)

E-mail: airamsimoes.fisica.ebv@gmail.com

**Andreia Guedes**

Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação

Instituição: Must University

E-mail: andreiaguedes@educa.santos.sp.gov.br

**Antonio Jelson Bezerra Lopes**

Mestrando em Tecnologias Emergentes em Educação

Instituição: Must University

E-mail: jelsonlopes@hotmail.com

**Mariana Gandolpho Bacellar**

Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação

Instituição: Must University

E-mail: marianagandolpho1@gmail.com

**Catiane Quele Santos de Araújo**

Doutoranda em Ciências da Educação

Instituição: Univeridad de la Integración de las Americas (UNIDA)

E-mail: catianequele@gmail.com

**Ana Laura Ferreira dos Santos**

Doutoranda em Ciências da Educação

Instituição: Univeridad de la Integración de las Americas (UNIDA)

E-mail: analaura.ipojuca@gmail.com

**Maria Helena da Costa Tavares**

Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação

Instituição: Must University

E-mail: tmariahelena312@gmail.com

**Omar Khayyam Duarte do Nascimento Moraes**  
Doutor em Medicina Tropical e Saúde Pública  
Instituição: Universidade Federal de Goiás (UFG)  
E-mail: omarmoraes@gmail.com

## RESUMO

A intensificação dos recursos digitais modificou expectativas formativas e instaurou novos modos de intervenção pedagógica, particularmente quando a Inteligência Artificial (IA) passa a atuar como mediadora de decisões, filtragens e orientações didáticas. Nesse cenário, torna-se pertinente investigar como a integração sistemática da IA pode reorganizar práticas docentes, ampliar possibilidades interpretativas e favorecer intervenções mais sensíveis aos ritmos de aprendizagem. O objetivo deste estudo consiste em examinar de que maneira a IA, tratada como recurso de inovação pedagógica, reconfigura relações entre professores, estudantes e processos de construção conceitual no cotidiano escolar. A pesquisa bibliográfica orienta essa investigação ao selecionar produções disponíveis em bases como Google Acadêmico e Oasisbr, contemplando obras publicadas entre 2015 e 2025 e dialogando com autores clássicos da metodologia para qualificar o percurso analítico. A investigação desenvolve-se como pesquisa bibliográfica com foco analítico, dedicada a compreender como dispositivos de gestão e critérios de qualidade orientam decisões institucionais no campo educacional. As obras examinadas apresentam diferentes modos de organizar processos, evidenciando estratégias de monitoramento que influenciam rotinas, mecanismos avaliativos e formas de coordenação. A análise integrada desses materiais destaca que escolhas administrativas repercutem nas relações formativas, demandando articulação entre práticas pedagógicas, condições estruturais e ações que assegurem continuidade, revisão sistemática e coerência institucional. As discussões reunidas indicam que a IA não substitui a mediação humana; solicita interpretações capazes de transformar dados em decisões situadas.

**Palavras-chave:** Autoria Pedagógica. Cultura Digital. Inovação Educacional. Inteligência Artificial. Mediação Didática.

## ABSTRACT

The intensification of digital resources has modified formative expectations and established new modes of pedagogical intervention, particularly when Artificial Intelligence (AI) begins to act as a mediator of decisions, filtering, and didactic guidance. In this scenario, it becomes pertinent to investigate how the systematic integration of AI can reorganize teaching practices, expand interpretative possibilities, and favor interventions more sensitive to learning rhythms. The objective of this study is to examine how AI, treated as a resource for pedagogical innovation, reconfigures relationships between teachers, students, and conceptual construction processes in the daily school routine. Bibliographic research guides this investigation by selecting productions available in databases such as Google Scholar and Oasisbr, including works published between 2015 and 2025 and engaging with classic authors of the methodology to qualify the analytical approach. The investigation develops as bibliographic research with an analytical focus, dedicated to understanding how management devices and quality criteria guide institutional decisions in the educational field. The works examined present different ways of organizing processes, highlighting monitoring strategies that influence routines, evaluation mechanisms, and forms of coordination. The integrated analysis of these materials emphasizes that administrative choices have repercussions on formative relationships, demanding articulation between pedagogical practices, structural conditions, and actions that ensure continuity, systematic review, and institutional coherence. The discussions gathered indicate that AI does not replace human mediation; it requires interpretations capable of transforming data into situated decisions.

**Keywords:** Pedagogical Authorship. Digital Culture. Educational Innovation. Artificial Intelligence. Didactic Mediation.

## RESUMEN

La intensificación de los recursos digitales ha modificado las expectativas formativas y establecido nuevos modos de intervención pedagógica, en particular cuando la Inteligencia Artificial (IA) comienza a actuar como mediadora de decisiones, filtrado y orientación didáctica. En este escenario, resulta pertinente investigar cómo la integración sistemática de la IA puede reorganizar las prácticas docentes, ampliar las posibilidades interpretativas y favorecer intervenciones más sensibles a los ritmos de aprendizaje. El objetivo de este estudio es examinar cómo la IA, considerada como un recurso para la innovación pedagógica, reconfigura las relaciones entre docentes, estudiantes y los procesos de construcción conceptual en la rutina escolar diaria. La investigación bibliográfica guía esta investigación mediante la selección de producciones disponibles en bases de datos como Google Scholar y Oasisbr, incluyendo trabajos publicados entre 2015 y 2025, y la consulta con autores clásicos de la metodología para cualificar el enfoque analítico. La investigación se desarrolla como una investigación bibliográfica con un enfoque analítico, dedicada a comprender cómo los dispositivos de gestión y los criterios de calidad guían las decisiones institucionales en el ámbito educativo. Los trabajos examinados presentan diferentes formas de organizar los procesos, destacando las estrategias de seguimiento que influyen en las rutinas, los mecanismos de evaluación y las formas de coordinación. El análisis integrado de estos materiales destaca que las decisiones administrativas repercuten en las relaciones formativas, lo que exige la articulación entre las prácticas pedagógicas, las condiciones estructurales y las acciones que garanticen la continuidad, la revisión sistemática y la coherencia institucional. Las discusiones recogidas indican que la IA no sustituye la mediación humana; requiere interpretaciones capaces de transformar los datos en decisiones situacionales.

**Palabras clave:** Autoría Pedagógica. Cultura Digital. Innovación Educativa. Inteligencia Artificial. Mediación Didáctica.

## 1 INTRODUÇÃO

A incorporação da Inteligência Artificial (IA) ao cenário pedagógico intensificou debates sobre autoria docente, critérios de acompanhamento e modos de participação discente. A presença de sistemas automatizados reorganiza expectativas e provoca deslocamentos que atravessam desde a seleção de materiais até a interpretação de trajetórias de aprendizagem. Pode-se argumentar que tais alterações instauram zonas de incerteza férteis para repensar intencionalidades educativas e responsabilidades compartilhadas.

A circulação contínua de recursos digitais amplia repertórios, mas também introduz tensões entre autonomia profissional e recomendações produzidas por algoritmos. Em vez de oposição direta entre humano e máquina, delineia-se um ecossistema híbrido no qual decisões pedagógicas precisam dialogar com informações geradas por modelos computacionais. Esse movimento solicita atenção analítica e abertura interpretativa, pois modifica relações entre acompanhamento, intervenção e elaboração conceitual.

A IA não opera como substituta da mediação docente; configura-se como suporte que amplia possibilidades interpretativas quando ancorado em escolhas intencionais. Nesse sentido, torna-se plausível considerar que professores necessitam construir critérios próprios para integrar sugestões automatizadas, evitando dependências acríticas e garantindo coerência formativa. A negociação entre recomendações digitais e julgamento profissional produz novas dinâmicas de responsabilidade educacional.

A investigação desenvolve-se como pesquisa bibliográfica com foco analítico, dedicada a compreender como dispositivos de gestão e critérios de qualidade orientam decisões institucionais no campo educacional. As obras examinadas apresentam diferentes modos de organizar processos, evidenciando estratégias de monitoramento que influenciam rotinas, mecanismos avaliativos e formas de coordenação. A análise integrada desses materiais destaca que escolhas administrativas repercutem nas relações formativas e na coerência institucional.

A partir dessa perspectiva metodológica, examina-se como a IA intervém na construção de percursos educativos, oferecendo sugestões que podem reforçar, diversificar ou limitar interpretações docentes. Discute-se, igualmente, a necessidade de desenvolver práticas de curadoria digital que articulem ética, transparência e consistência pedagógica. Desse modo, o foco desloca-se do fascínio tecnológico para a compreensão das condições de uso que sustentam processos de aprendizagem.

Investigar tais dinâmicas permite analisar como professores articulam suas decisões ao lidar com sistemas que modelam ritmos, classificam desempenhos e organizam fluxos informacionais. Embora esses mecanismos ampliem possibilidades de personalização, produzem também desafios

relacionados à autonomia profissional, ao resguardo da privacidade e à qualidade das interações humanas. Essas questões convidam a reconhecer a IA como fenômeno pedagógico, institucional e sociocultural.

Ao longo do texto, examinam-se três eixos: as reconfigurações formativas provocadas pela IA nas responsabilidades docentes, os deslocamentos didáticos decorrentes da mediação digital e as práticas interpretativas que sustentam escolhas pedagógicas em ambientes automatizados. Com isso, delineia-se um percurso que esclarece implicações éticas, cognitiva e institucionais, preparando terreno para compreender como a inovação digital redefine modos de ensinar, participar e aprender em contextos educativos contemporâneos.

## 2 METODOLOGIA

A estrutura deste estudo foi pensada para atender a uma dupla exigência: rigor investigativo e

[1] A investigação adota um percurso bibliográfico que busca compreender como a Inteligência Artificial (IA) reorganiza práticas pedagógicas, critérios de acompanhamento e modos de participação. A seleção das obras privilegia produções em diálogo com debates educacionais contemporâneos, consultadas em bases como Google Acadêmico e Oasisbr, no intervalo de 2015 a 2025. O foco metodológico sustenta análises que articulam decisões docentes, mediação digital e responsabilidades institucionais.

[2] O levantamento integra estudos cujo potencial interpretativo permite identificar permanências e deslocamentos conceituais. A construção das categorias orienta a leitura comparada das obras, favorecendo articulações entre IA, escolhas formativas e reorganizações curriculares. O processo analítico envolve movimentos sucessivos de síntese, contraste e aprofundamento, garantindo coerência às interpretações e ampliando a compreensão das transformações provocadas por sistemas automatizados no cotidiano escolar.

Gil (2008, p. 44) aponta que,

A pesquisa bibliográfica possibilita ao investigador o exame crítico do acervo já produzido, permitindo identificar limites, compreender articulações teóricas e reconhecer possibilidades interpretativas que sustentam análises mais rigorosas, oferecendo suporte para decisões e encaminhamentos no âmbito acadêmico e profissional.

A afirmação de Gil (2008) orienta a escolha epistemológica adotada, pois descreve a pesquisa bibliográfica como instrumento capaz de oferecer panoramas amplos sem descuidar da precisão analítica. Suas ideias reforçam a necessidade de comparar argumentos, examinar pressupostos e reorganizar perspectivas teóricas segundo critérios consistentes. Tal compreensão favorece interpretações sobre a IA que não se restringem ao aspecto técnico, mas alcançam dimensões pedagógicas e institucionais.

A partir desse fundamento, a análise das obras selecionadas passa a considerar como diferentes matrizes teóricas tratam relações entre IA, mediação pedagógica e construção de significados. A metodologia permite visualizar tensões interpretativas, pontos de convergência e implicações éticas que influenciam decisões docentes. O cruzamento dessas perspectivas amplia a percepção sobre como recursos digitais transformam processos educativos e redefinem expectativas profissionais.

O percurso metodológico, estruturado por leitura sistemática, categorização analítica e comparação interpretativa, sustenta a formação de um quadro teórico capaz de explicar a presença da IA nos ambientes escolares. Essa estratégia possibilita compreender impactos formativos, reorganizações institucionais e exigências cognitivas que atravessam o trabalho docente contemporâneo. A consistência do método oferece base sólida para análises posteriores e aprofundamentos conceituais ao longo do estudo.

### **3 DINÂMICAS FORMATIVAS NA INCORPORAÇÃO DA IA COMO AGENTE PEDAGÓGICO**

A incorporação estruturada da Inteligência Artificial no cotidiano escolar introduz reorganizações que atravessam decisões docentes e formas de acompanhamento da aprendizagem. A presença de modelos computacionais mobiliza expectativas distintas sobre autonomia, intervenção e análise de trajetórias, revelando a necessidade de compreender como fluxos digitais interferem na leitura pedagógica dos processos. Essas dinâmicas instauram novos espaços interpretativos que ampliam demandas cognitivas e institucionais.

Em perspectiva abrangente, Caitano et al. (2025) indicam que a atuação da IA nos ambientes educativos reposiciona o professor diante de escolhas que envolvem ética, responsabilidade e curadoria digital. A pesquisa analisada pelos autores sugere que a mediação automatizada reorganiza fluxos decisórios ao sintetizar dados e oferecer interpretações iniciais, configurando cenários que exigem postura crítica para evitar usos irrefletidos e assegurar coerência entre finalidades educativas e operações tecnológicas.

Nessa direção, torna-se necessário compreender como tais articulações influenciam expectativas institucionais e ritmos formativos. A presença de dispositivos inteligentes provoca deslocamentos nas práticas de seleção, monitoramento e intervenção pedagógica, convidando a examinar como educadores desenvolvem critérios próprios para integrar sugestões automatizadas. Essa reflexão sustenta análises que consideram simultaneamente dimensões cognitivas, organizacionais e políticas do trabalho docente.

Conforme análise de De Souza et al., publicada em 2025, a IA contribui para ampliar repertórios interpretativos ao oferecer mecanismos capazes de sintetizar padrões e estruturar

indicadores que favorecem decisões docentes. Os autores destacam que tal apoio não substitui a mediação humana, mas opera como recurso que orienta escolhas situadas, desde que acompanhado por postura investigativa e compreensão clara dos limites e possibilidades associados às plataformas adotadas.

A partir desse entendimento, torna-se possível discutir como estratégias de leitura crítica permitem ao professor dialogar com sistemas que estruturam dados e sugerem encaminhamentos. Essa interlocução demanda habilidades para identificar pertinências, desconfiar de automatismos e reinterpretar informações conforme especificidades do contexto. Tais movimentos revelam que a inovação digital solicita práticas contínuas de seleção, revisão e reconstrução conceitual.

Em estudo recente, Mattozo e Cardozo (2024) afirmam que a introdução da IA amplia debates sobre inovação pedagógica ao evidenciar tensões entre criatividade docente e padronizações derivadas de algoritmos. Os autores assinalam que a convivência entre tais dimensões exige negociação permanente, pois algumas recomendações automatizadas tendem a simplificar a complexidade das situações educativas, demandando intervenção criteriosa para garantir interpretações coerentes com a realidade escolar.

Esses apontamentos permitem aprofundar a compreensão das relações entre processos automatizados e decisões profissionais. Ao considerar que a IA opera por generalizações estatísticas, enquanto a docência se desenvolve em cenários particulares, evidencia-se a necessidade de articulações reflexivas que conciliem recomendações digitais e leituras contextualizadas. Tal perspectiva reforça a centralidade do julgamento pedagógico no tratamento de informações produzidas por sistemas computacionais.

Segundo Batista da Silva Vilela (2025), a IA insere-se no campo educacional como elemento que modifica tanto o planejamento quanto a implementação de ações formativas. O autor observa que modelos inteligentes oferecem recursos capazes de organizar sequências, adaptar percursos e antecipar dificuldades, mas ressalta que tais benefícios dependem de mediações conscientes que impeçam dependências excessivas e assegurem consonância entre escolhas teóricas e práticas pedagógicas.

Essa análise viabiliza discutir como a atuação docente se amplia diante da necessidade de interpretar recomendações, reorganizar trajetórias e ajustar encaminhamentos conforme singularidades dos estudantes. A IA atua como suporte analítico que pode fortalecer intervenções, desde que articulado a critérios coerentes com finalidades institucionais. Nesse sentido, práticas de leitura crítica tornam-se fundamentais para evitar automatizações deslocadas do contexto.



Caitano et al. (2025) destacam, novamente, que a integração da IA envolve tanto potencialidades quanto riscos associados à circulação de dados sensíveis e à produção de diagnósticos automatizados. A pesquisa evidencia que tais mecanismos podem reforçar desigualdades caso sejam utilizados sem análise cuidadosa, exigindo que educadores compreendam como funcionam as classificações geradas e quais implicações formativas decorrem dessas operações computacionais.

Sob esse olhar, confirma-se que a docência contemporânea requer competências ampliadas para interpretar indicadores, contextualizar padrões e reconstruir estratégias de ensino. A leitura cuidadosa das informações fornecidas pelos sistemas digitais permite intervenções mais situadas, desde que acompanhada por posturas investigativas. Assim, a IA deixa de ser artifício técnico isolado e passa a integrar práticas analíticas que qualificam a mediação educativa.

De Souza et al. (2025) argumentam que plataformas de IA modificam dinâmicas colaborativas ao facilitar trocas, sistematizar registros e apoiar intervenções rápidas. A análise conduzida pelos autores sugere que esses recursos podem fortalecer ações pedagógicas quando empregados com intencionalidade formativa, ressaltando que a tecnologia deve funcionar como ferramenta complementar e não como substituta do acompanhamento humano nos processos de aprendizagem.

Esses elementos permitem aprofundar discussões sobre como redes de colaboração docente se reorganizam diante do acesso ampliado a dados e recomendações. A presença de plataformas inteligentes favorece práticas compartilhadas, ao mesmo tempo em que solicita cautela para evitar padronizações acríticas. Assim, a interação entre profissionais constitui espaço essencial para recompor sentidos e ajustar interpretações propostas pelos sistemas digitais.

Em perspectiva crítica, Mattozo e Cardozo (2024) analisam que a IA instaura tensões éticas no campo educacional ao exigir vigilância constante sobre critérios de transparência, privacidade e responsabilidade. Para os autores, a dependência de algoritmos sem compreensão adequada de suas bases pode gerar distorções interpretativas e comprometer a qualidade das decisões, sobretudo quando diagnósticos automatizados influenciam trajetórias e avaliações escolares.

Esses debates indicam a necessidade de desenvolver práticas de formação continuada que incorporem estudos sobre limitações, riscos e possibilidades da IA. A leitura criteriosa dos modelos utilizados favorece intervenções mais conscientes e permite que educadores compreendam a lógica subjacente aos sistemas, evitando decisões baseadas apenas em recomendações automáticas. Assim, reforça-se a importância da análise contextualizada.

Em linha com essa discussão, Batista da Silva Vilela (2025) destaca que a IA amplia as margens de personalização sem dispensar o olhar atento do professor. O autor afirma que ajustes promovidos por algoritmos dependem de interpretações pedagógicas que confirmem, modifiquem ou



descartem sugestões geradas. Essa relação evidencia que o docente continua central na definição dos percursos formativos.

Nessa perspectiva, a IA pode funcionar como apoio interpretativo capaz de iluminar padrões e oferecer alternativas, mas não determina automaticamente caminhos educativos. A docência continua sendo atividade situada, pautada em negociações e análises sensíveis. Por isso, procedimentos de leitura crítica constituem requisito indispensável para integrar recursos digitais sem comprometer singularidades e processos de autoria profissional.

Conforme apontam Caitano et al. (2025), a formação docente precisa desenvolver competências analíticas para lidar com sistemas que automatizam partes do processo educativo. Os autores observam que a ausência de preparo adequado pode gerar usos inadequados e reforçar interpretações restritivas. A análise propõe que a IA seja incorporada de forma gradual, com acompanhamento reflexivo e compreensão clara das implicações para o cotidiano escolar.

A partir dessa reflexão, confirma-se que o uso da IA demanda planejamento cuidadoso, capaz de articular finalidades pedagógicas e condições institucionais. A atenção aos limites e às possibilidades de cada ferramenta sustenta práticas mais rigorosas e reduz riscos associados à interpretação automática de dados. Assim, a integração tecnológica torna-se percurso orientado por decisões fundamentadas.

Em estudo recente, De Souza et al. (2025) examinam como a IA contribui para reorganizar estratégias voltadas ao acompanhamento da aprendizagem, especialmente ao sintetizar indicadores que permitem intervenções rápidas. A análise expressa pelos autores sugere que esses mecanismos favorecem respostas docentes mais precisas, desde que acompanhadas por leitura crítica e por práticas que evitem simplificações excessivas derivadas de algoritmos.

Esses aspectos reforçam que a combinação entre julgamento profissional e recomendações computacionais constitui condição essencial para práticas educativas mais rigorosas. A IA contribui para ampliar a precisão analítica, mas depende de interpretações situadas que atribuam sentido aos dados apresentados. Assim, compreende-se que a mediação humana continua indispensável para qualificar decisões pedagógicas.

Como analisam Mattozo e Cardozo (2024), a presença da IA suscita debates sobre a autonomia docente, especialmente quando algoritmos sugerem rotas de intervenção que podem restringir criatividade e diversidade metodológica. Os autores defendem que o uso responsável da tecnologia requer abertura investigativa e capacidade de reinterpretação das informações apresentadas, evitando que a inovação digital se converta em padronização.

Diante dessas discussões, destaca-se a importância de promover práticas investigativas que permitam ressignificar as recomendações dos sistemas inteligentes. O professor, ao confrontar dados com especificidades do contexto, fortalece sua autoria pedagógica e desenvolve intervenções mais coerentes. Nessa direção, a IA atua como apoio analítico que amplia margens interpretativas, sem substituir o olhar sensível às singularidades formativas.

Segundo Batista da Silva Vilela (2025), a IA apresenta potencial para transformar rotinas educativas ao oferecer mecanismos de adaptação e análise contínua. Contudo, o autor ressalta que tais contribuições dependem de compreensão crítica sobre funcionamento, limitações e critérios utilizados pelos modelos. Essa perspectiva reforça que a adoção da tecnologia deve ocorrer em consonância com princípios éticos e finalidades formativas.

Essas reflexões permitem compreender que a integração da IA constitui movimento complexo, sustentado por negociações entre mediação humana e operações computacionais. A leitura crítica das recomendações produzidas pelos sistemas inteligentes fortalece a autonomia docente e orienta escolhas coerentes com finalidades educativas. Dessa maneira, o capítulo evidencia que inovação pedagógica exige análise contínua, postura investigativa e sensibilidade às múltiplas dimensões que estruturam o cotidiano escolar.

#### **4 RECONFIGURAÇÕES DIDÁTICAS E PROCESSOS DE MEDIAÇÃO NA CULTURA DIGITAL**

A integração sistemática da cultura digital às práticas educativas transforma a maneira como professores planejam intervenções, organizam sequências e interpretam sinais produzidos pelos estudantes. Quando dispositivos inteligentes participam da mediação, instauram-se interdependências que alteram fluxos de comunicação, modos de participação e expectativas formativas. Esses rearranjos exigem postura analítica, especialmente porque decisões didáticas passam a dialogar com recomendações e dados provenientes de sistemas digitais.

Marques (2025) argumenta que a cultura digital redefine o trabalho docente ao introduzir novos arranjos entre planejamento, acompanhamento e reorganização contínua das práticas. A autora observa que a circulação ampliada de registros e plataformas faz com que professores operem em ambientes híbridos nos quais tarefas administrativas, comunicacionais e pedagógicas se entrelaçam. Essa condição demanda interpretações cuidadosas para que escolhas didáticas preservem coerência e não se reduzam à lógica dos dispositivos.

Esses apontamentos permitem examinar como reorganizações produzidas pela cultura digital ampliam exigências de leitura crítica dos processos formativos. À medida que sistemas estruturam

informações e sugerem rotas, cabe ao professor construir filtros próprios, identificar pertinências e evitar dependências automáticas. Essa negociação contínua reflete tensões entre autonomia profissional e condições institucionais que sustentam o uso de plataformas educacionais.

Conforme análise de Machado e Kampff, publicada em 2017, práticas pedagógicas passam por reformulações quando recursos digitais influenciam modos de investigar, registrar e compartilhar aprendizagens. As autoras destacam que, embora esses meios ampliem possibilidades de criação e autoria, também revelam lacunas formativas, especialmente quando docentes carecem de referências teóricas para integrar criticamente ferramentas eletrônicas sem comprometer intencionalidades educativas e processos interpretativos.

Esses elementos possibilitam discutir como a experiência docente se reconfigura ao lidar com demandas de produção, circulação e validação de registros digitais. As interações tornam-se mais rápidas e visíveis, exigindo estratégias para selecionar informações e estruturar encaminhamentos pertinentes. Por isso, práticas de mediação precisam conciliar a fluidez dos ambientes tecnológicos com decisões adequadas às necessidades formativas dos estudantes.

Sousa et al. (2024) destacam que documentos educacionais associados à cultura digital orientam mudanças nas práticas docentes ao enfatizar competências relacionadas ao uso crítico e criativo de tecnologias. Os autores observam que tais orientações não se limitam à dimensão instrumental; englobam também aspectos interpretativos, éticos e comunicacionais. Assim, a cultura digital institui parâmetros que redefinem expectativas institucionais e ampliam responsabilidades pedagógicas.

Sob essa perspectiva, torna-se necessário compreender como docentes reorganizam sua atuação a partir dessas orientações normativas. A cultura digital introduz desafios que não se resolvem com domínio técnico isolado; exigem articulações reflexivas entre finalidades educativas, condições materiais e linguagens específicas dos ambientes digitais. Essa compreensão permite reconhecer tensões presentes na adaptação de práticas ao cenário contemporâneo.

Correia, da Silva e Bezerra (2025) analisam que a presença constante de recursos digitais na sala de aula cria possibilidades formativas, mas também suscita tensões relacionadas ao ritmo, à visibilidade das ações e à multiplicidade de estímulos. As autoras apontam que práticas de mediação demandam intencionalidade e atenção contínua, pois ambientes altamente conectados podem dispersar, intensificar sobrecargas e modificar formas de participação estudantil.

A partir dessas discussões, torna-se plausível considerar que a mediação digital exige reconfigurações nas estratégias de acompanhamento e intervenção. Professores precisam estabelecer critérios para integrar materiais, orientar interações e reassumir o controle pedagógico diante da

fluidez dos ambientes eletrônicos. Essa postura favorece interpretações mais consistentes e evita que práticas didáticas se diluam em estímulos fragmentados.

Segundo Marques (2025), a organização do trabalho docente em contextos digitais requer atenção constante às dinâmicas institucionais que moldam o uso das tecnologias. A autora argumenta que mudanças estruturais nos modos de ensinar derivam não apenas do acesso a dispositivos, mas da compreensão das condições que regulam sua utilização. Essas análises evidenciam que transformações didáticas se inscrevem em um panorama mais amplo de reconfigurações organizacionais.

Esses elementos sugerem que a mediação pedagógica deve considerar tanto exigências vinculadas à cultura digital quanto singularidades das trajetórias escolares. A integração de tecnologias não se restringe a procedimentos operacionais, mas envolve avaliações sobre relevância, coerência e adequação ao contexto. Assim, a cultura digital convoca práticas interpretativas que valorizam leitura crítica e reorganização permanente das ações educativas.

Machado e Kampff (2017) afirmam que docentes muitas vezes enfrentam lacunas formativas ao lidar com recursos digitais integrados a práticas investigativas. As autoras assinalam que a ausência de apoio teórico consistente pode gerar usos superficiais, limitados a reprodução de atividades. Essa condição reforça a necessidade de formação continuada voltada à apropriação crítica das tecnologias, assegurando intervenções mais consistentes e contextualizadas.

Sob esse olhar, evidencia-se que reconfigurações didáticas dependem de processos de aprendizagem profissional capazes de articular fundamentos teóricos e práticas concretas. Professores precisam compreender lógicas próprias dos ambientes digitais para selecionar ferramentas adequadas e evitar interpretações restritivas. Essa postura contribui para fortalecer autonomia e favorecer decisões mais rigorosas.

Sousa et al. (2024) ressaltam que a cultura digital introduz diretrizes institucionais que orientam tanto conteúdos quanto estratégias de mediação. Os autores enfatizam que tais documentos ampliam responsabilidades docentes ao valorizar análise crítica, produção colaborativa e negociação de sentidos em ambientes digitais. Essas exigências repercutem na organização do trabalho pedagógico, que passa a incluir interpretações complexas sobre fluxos informacionais.

Esses aspectos permitem analisar como práticas pedagógicas se ajustam a demandas contemporâneas de leitura, seleção e recomposição de informações. As interações digitais, por sua instantaneidade, exigem atenção contínua às condições de aprendizagem e sensibilidade para interpretar sinais nem sempre explícitos. Essa análise reforça que mediação exige não apenas domínio técnico, mas julgamento pedagógico refinado.

Correia, da Silva e Bezerra (2025) observam que ambientes digitais ampliam circulação de materiais e criam oportunidades para práticas personalizadas. Contudo, apontam que tais possibilidades podem gerar sobrecargas quando não acompanhadas por critérios que orientem filtragem e organização. As autoras destacam que estratégias de mediação devem garantir coerência e evitar dispersões, assegurando intencionalidade às ações formativas.

A partir dessa reflexão, compreende-se que processos de mediação digital exigem planejamentos flexíveis, capazes de ajustar orientações conforme necessidades emergentes. A variedade de recursos demanda decisões constantes sobre pertinência, profundidade e ritmo. Essa condição revela o caráter dinâmico do trabalho docente e reforça a importância de práticas avaliativas sensíveis às transformações das interações digitais.

Em análise recente, Marques (2025) evidencia que reconfigurações didáticas envolvem reorganização de tempos, espaços e práticas de registro. A autora sugere que tecnologias alteram não apenas procedimentos, mas a própria natureza das interações pedagógicas. Essas mudanças solicitam que docentes desenvolvam competências analíticas capazes de articular intencionalidade e leitura contextual para evitar improvisações e manter coerência nas ações formativas.

Esses argumentos permitem discutir como a cultura digital modifica concepções de acompanhamento pedagógico. A presença constante de plataformas provoca revisões de práticas tradicionais e exige posturas mais investigativas. Assim, professores precisam reconhecer limites das ferramentas e desenvolver critérios para selecionar recomendações que favoreçam intervenções pertinentes aos contextos específicos.

De acordo com Machado e Kampff (2017), apropriações didáticas da cultura digital dependem de condições institucionais que favoreçam formação, suporte técnico e tempo para estudo. As autoras assinalam que ausência desses elementos gera inseguranças e práticas descontinuadas. Essa relação demonstra que a inovação pedagógica baseada em recursos digitais deve considerar infraestrutura, políticas de formação e coerência nos processos de implementação.

Esses elementos revelam que a mediação em ambientes digitais exige visão integrada que articule materialidade das plataformas, expectativas institucionais e condições concretas de trabalho. Docentes precisam negociar prioridades, estabelecer sequências e conduzir interações que mantenham foco na aprendizagem. Essa perspectiva reforça que processos formativos devem ser continuamente ajustados.

Sousa et al. (2024) verificam que diretrizes sobre cultura digital enfatizam competências relacionadas à autoria, colaboração e leitura crítica de informações. Os autores indicam que tais orientações ampliam desafios para a prática docente, que passa a exigir compreensão profunda das

lógicas digitais. Essa constatação evidencia que reconfigurações didáticas dependem de articulação entre fundamentos pedagógicos e especificidades dos ambientes digitais.

Sob essa perspectiva, torna-se interessante examinar como decisões docentes se transformam quando plataformas oferecem dados instantâneos e sugerem encaminhamentos. A interpretação dessas informações requer cautela, especialmente porque padrões computacionais nem sempre consideram nuances presentes nas situações educativas. Assim, a mediação pedagógica assume papel central para evitar reduções e fortalecer coerência.

Como destacam Correia, da Silva e Bezerra (2025), a cultura digital introduz tensões que atravessam ritmos de aprendizagem, modos de participação e formas de expressão. As autoras afirmam que práticas de mediação precisam reconhecer diversidade de trajetórias e evitar que estímulos digitais produzam homogeneizações inadequadas. Essa análise reforça que processos didáticos dependem de avaliações contínuas sobre adequação das ferramentas utilizadas.

As reflexões reunidas demonstram que reconfigurações didáticas e mediação na cultura digital constituem movimento amplo, sustentado por negociações permanentes entre expectativas institucionais, condições materiais e interpretações docentes. A leitura crítica das plataformas permite decisões mais rigorosas, preservando singularidades formativas. Assim, o capítulo evidencia que inovação pedagógica requer postura investigativa, intencionalidade e atenção às múltiplas dimensões que moldam o cotidiano escolar.

## **5 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A análise consolidada revela que práticas docentes mediadas pela cultura digital apresentam reorganizações profundas, expressas em novas formas de interação, critérios de acompanhamento e decisões pedagógicas orientadas por sistemas inteligentes. As evidências reunidas permitem identificar movimentos simultâneos de ampliação interpretativa e de complexificação das responsabilidades profissionais, sobretudo quando recursos digitais passam a participar do planejamento, da mediação e da geração de indicadores que influenciam escolhas formativas no cotidiano escolar.

As discussões de Caitano et al. (2025) indicam que a presença da IA nos ambientes educativos redefine fronteiras entre planejamento e execução pedagógica ao oferecer sínteses, sugestões e padrões derivados de grandes volumes de dados. As conclusões dos autores mostram que essa mediação tecnológica influencia o julgamento profissional, tornando necessário articular intencionalidade docente, vigilância ética e atenção às implicações formativas dos mecanismos automatizados.

Em análise complementar, De Souza et al. (2025) destacam que plataformas inteligentes ampliam repertórios interpretativos ao organizar indicadores que facilitam intervenções rápidas. Os autores observam que essa dinâmica fortalece práticas de acompanhamento quando articulada à mediação humana, mas pode gerar interpretações restritivas caso os educadores não compreendam adequadamente a origem e o funcionamento dos padrões sugeridos pelas ferramentas digitais.

Os achados de Mattozo e Cardozo (2024) revelam preocupações éticas associadas ao uso da IA, especialmente quando modelos computacionais orientam classificações que influenciam trajetórias escolares. Para os autores, compreender os limites desses sistemas é requisito essencial para evitar generalizações inadequadas e assegurar que intervenções didáticas considerem singularidades e complexidades inerentes às situações educativas.

Resultados apresentados por Batista da Silva Vilela (2025) evidenciam que a IA cria condições para maior personalização da aprendizagem ao propor ajustes contínuos nas atividades. No entanto, o autor ressalta que tais benefícios dependem da capacidade docente de reinterpretar recomendações, confirmar pertinências e descartar sugestões que não dialoguem com os objetivos pedagógicos definidos, reforçando a centralidade do professor no processo.

A pesquisa de Marques (2025) demonstra que práticas docentes em ambientes digitalizados passam por reorganizações estruturais, especialmente no que se refere à gestão do tempo, à multiplicidade de tarefas e à intensificação das interações mediadas por tecnologias. A autora aponta que tais mudanças exigem reconstruções permanentes do planejamento e atenção aos efeitos organizacionais produzidos pela cultura digital nas escolas públicas.

Estudo conduzido por Machado e Kampff (2017) mostra que a cultura digital altera concepções e práticas docentes ao introduzir novos modos de produzir, compartilhar e validar informações. As autoras observam que transformações dessa natureza expressam demandas formativas ampliadas, exigindo competências de leitura crítica, organização informacional e uso responsável de recursos tecnológicos nas atividades pedagógicas.

Em linha semelhante, Sousa et al. (2024) analisam documentos educacionais que orientam a atuação docente e concluem que a cultura digital amplia responsabilidades profissionais ao integrar dimensões éticas, comunicacionais e colaborativas. Os autores ressaltam que políticas e diretrizes institucionais moldam expectativas sobre o uso de tecnologias e exigem articulações teóricas para garantir coerência entre finalidades educacionais e práticas mediadas por sistemas digitais.

Contribuições de Correia, da Silva e Bezerra (2025) apontam que ambientes digitais intensificam estímulos e modificam padrões de participação, gerando tensões que exigem mediação cuidadosa. As autoras destacam que práticas pedagógicas precisam considerar ritmos diversos,



variações de engajamento e necessidades múltiplas dos estudantes, evitando que ferramentas digitais produzam homogeneizações que negligenciem as particularidades formativas.

Os resultados de Caitano et al. (2025) reforçam que a IA interfere diretamente no processo decisório ao sintetizar informações complexas e oferecer diagnósticos preliminares. Embora úteis, tais recursos requerem postura investigativa para que professores identifiquem vieses, compreendam limitações e garantam interpretações situadas, evitando dependência acrítica de modelos computacionais que operam por generalizações estatísticas.

A análise de De Souza et al. (2025) evidencia que a integração tecnológica pode fortalecer colaborações docente-discente ao ampliar canais de retorno e diversificar estratégias de acompanhamento. No entanto, os autores alertam para o risco de sobrecarga informacional quando não há critérios claros para organização, filtragem e uso das recomendações geradas pelos sistemas inteligentes presentes nas escolas.

A partir dos achados de Mattozo e Cardozo (2024), observa-se que a inovação pedagógica baseada em IA precisa considerar repercussões éticas, sobretudo no que diz respeito à privacidade, à transparência dos algoritmos e à equidade no acesso. A pesquisa sugere que políticas institucionais são determinantes para orientar práticas docentes capazes de garantir justiça cognitiva e proteção dos estudantes.

Sínteses discutidas por Batista da Silva Vilela (2025) indicam que a IA opera como ferramenta de apoio, não substituição, exigindo compreensão refinada de seus mecanismos. O autor reforça que o uso produtivo da tecnologia depende da capacidade docente de integrar dados, interpretar padrões e reconstruir caminhos de aprendizagem conforme necessidades específicas de cada turma.

Evidências apresentadas por Marques (2025) mostram que a cultura digital fragmenta e simultaneamente reorganiza rotinas escolares, tornando a docência atividade ainda mais complexa. A autora aponta que educadores precisam lidar com ritmos acelerados, fluxos intensos de comunicação e múltiplas plataformas, exigindo tomada de decisão fundamentada em critérios pedagógicos sólidos.

Observações de Machado e Kampff (2017) sugerem que experiências escolares inseridas na cultura digital requerem novos modelos formativos que fortaleçam autonomia docente e articulação crítica com recursos tecnológicos. As autoras enfatizam que tais condições são essenciais para que ambientes digitais não funcionem como estruturas padronizadoras, mas como espaços de criação e reflexão compartilhada.

Em síntese ampliada, os resultados analisados demonstram que a IA e a cultura digital instauram rearranjos significativos nas práticas docentes, exigindo leitura crítica, formação contínua

e responsabilidade ética. A diversidade de perspectivas dos estudos examinados confirma que processos de mediação dependem de interpretações situadas, planejamento rigoroso e autonomia profissional, consolidando a centralidade do professor na construção de ambientes educativos coerentes com os desafios contemporâneos.

## 6 CONCLUSÃO

Tornou-se evidente, ao longo da investigação, que a incorporação da cultura digital redesenha modos de acompanhar processos educativos e redefine expectativas sobre a atuação docente. Transformações desse porte ampliam a necessidade de leitura contextualizada, já que ambientes digitalizados introduzem novos ritmos, intensificam fluxos informacionais e solicitam intervenções mais cuidadosas. A escola passa a operar em cenários dinâmicos que exigem interpretações constantes sobre coerência, adequação e responsabilidade pedagógica.

Surtem, desse conjunto de análises, indícios de que a mediação realizada pelo professor permanece central, mesmo quando sistemas inteligentes oferecem recomendações automatizadas. A atuação docente, diante desse panorama, depende da capacidade de formular critérios que filtrem sugestões tecnológicas e preservem finalidades educativas. Interpretar dados sem perder de vista nuances relacionais constitui um desafio formativo relevante, especialmente quando múltiplas plataformas influenciam decisões do cotidiano escolar.

Evoluções digitais também mostram que as ferramentas disponíveis reconfiguram interações, tornando mais visíveis movimentos dos estudantes e ampliando possibilidades interpretativas. Contudo, esses benefícios exigem cautela, pois a ampliação do acesso a informações pode gerar sobrecarga e induzir leituras precipitadas. A mediação, nesse contexto, demanda rigor analítico, atenção às singularidades e capacidade de organizar intervenções que mantenham coerência com percursos formativos plurais.

Considerando tais perspectivas, percebe-se que tecnologia e intencionalidade pedagógica precisam ser tratadas de forma interdependente. O valor educativo das ferramentas digitais não reside em seu potencial automático, mas nas condições em que são mobilizadas e nos sentidos produzidos em sala de aula. Quando decisões docentes dialogam criticamente com indicadores gerados pelos sistemas, abrem-se possibilidades para reorganizar práticas e fortalecer processos de aprendizagem.

A pesquisa bibliográfica sustenta esta investigação ao examinar como diferentes formas de mediação tecnológica alteram modos de participação, critérios de responsabilidade digital e práticas pedagógicas no cotidiano escolar. O conjunto teórico consultado permite identificar deslocamentos conceituais, ajustes metodológicos e condicionantes institucionais que influenciam a atuação docente,

revelando implicações para a construção da cidadania digital e para a redefinição das experiências de aprendizagem. Esse percurso demonstra a relevância de análises integradas para compreender fenômenos emergentes.

Encerrando o percurso reflexivo, percebe-se que inovar em ambientes digitais não significa apenas adotar recursos, mas construir interpretações capazes de sustentar escolhas éticas e cognitivas. A cultura digital amplia horizontes, mas também convoca prudência, discernimento e critérios de uso que valorizem trajetórias singulares. O capítulo evidencia que a docência contemporânea exige atenção às mediações, sensibilidade às diferenças e compromisso com práticas que preservem a complexidade das relações formativas.

## REFERÊNCIAS

- BATISTA DA SILVA VILELA, F. INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA EDUCAÇÃO: FUNDAMENTOS, APLICAÇÕES E IMPACTOS NO CENÁRIO EDUCACIONAL. *Revista Educação em Contexto*, v. 4, n. 1, p. 141–153, 2025. DOI: 10.5281/zenodo.15723262. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.15723262>.
- CAITANO, T. F.; MARCOLANO, L. C.; ROSALÉM, S. N.; SILVA, L. L. da; PIN, A. C. A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO AGENTE PEDAGÓGICO: POTENCIALIDADES E RISCOS ÉTICOS NA FORMAÇÃO DOCENTE. *Revista Políticas Públicas & Cidades*, v. 14, n. 5, p. e2245, 2025. DOI: 10.23900/2359-1552v14n5-46-2025. Disponível em: <https://doi.org/10.23900/2359-1552v14n5-46-2025>.
- CORREIA, A. L. C.; DA SILVA, M. C.; BEZERRA, F. D. A SALA DE AULA DIANTE DA CULTURA DIGITAL: POSSIBILIDADES FORMATIVAS E TENSÕES COTIDIANAS. *Revista Tópicos*, v. 3, n. 23, p. 1–15, 2025. DOI: 10.5281/zenodo.16484155.
- DE SOUZA, R. M. C.; TAVARES, S. M.; ALVES, D. S.; DE INOJOSA, L. B.; PEREIRA, C. da S.; CARNEIRO, G. C. N.; ALVES, J. F. M.; DEMUNER, J. A. INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO APOIO À PRÁTICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA. *Aracê*, v. 7, n. 9, p. e8095, 2025. DOI: 10.56238/arev7n9-155. Disponível em: <https://doi.org/10.56238/arev7n9-155>.
- GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. Atlas, 2008.
- MACHADO, M. J.; KAMPFF, A. J. C. A CULTURA DIGITAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA: INVESTIGAÇÃO SOBRE CONCEPÇÕES, PRÁTICAS E NECESSIDADES FORMATIVAS. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 13., 2017. p. 1341–1356. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Adriana-Kampff-2/publication/344134984\\_A\\_CULTURA\\_DIGITAL\\_NA\\_EDUCACAO\\_BASICA\\_-\\_INVESTIGACAO\\_SOBRE\\_CONCEPCOES\\_PRATICAS\\_E\\_NECESSIDADES\\_FORMATIVAS/links/5faac2b245851507810655cd/A-CULTURA-DIGITAL-NA-EDUCACAO-BASICA-INVESTIGACAO-SOBRE-CONCEPCOES-PRATICAS-E-NECESSIDADES-FORMATIVAS.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Adriana-Kampff-2/publication/344134984_A_CULTURA_DIGITAL_NA_EDUCACAO_BASICA_-_INVESTIGACAO_SOBRE_CONCEPCOES_PRATICAS_E_NECESSIDADES_FORMATIVAS/links/5faac2b245851507810655cd/A-CULTURA-DIGITAL-NA-EDUCACAO-BASICA-INVESTIGACAO-SOBRE-CONCEPCOES-PRATICAS-E-NECESSIDADES-FORMATIVAS.pdf).
- MARQUES, T. D. S. S. A. A RECONFIGURAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE FRENTE À CULTURA DIGITAL: UMA ANÁLISE DE ESCOLAS PÚBLICAS MUNICIPAIS DE ENSINO FUNDAMENTAL. 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/items/5bc56b94-baf6-40e8-a465-36d8523d3d4a>.
- MATTOZO, E.; CARDOZO, P. F. DESAFIOS ÉTICOS E INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS: A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 10, n. 11, p. 380–401, 2024. DOI: 10.51891/rease.v10i11.16497. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v10i11.16497>.
- SOUSA, F. M.; MACIEL, M. P.; SÁ-SILVA, J. R.; SERRA, I. M. R. de S. CULTURA DIGITAL E FORMAÇÃO DOCENTE: VISITANDO DOCUMENTOS EDUCACIONAIS. *Caderno Pedagógico*, v. 21, n. 9, p. e8474, 2024. DOI: 10.54033/cadpedv21n9-336. Disponível em: <https://doi.org/10.54033/cadpedv21n9-336>.